

ORGAM DOS ALUMNOS DA ESCHOLA NORMAL

ANNO I

São Paulo, 17 de Maio de 1884.

N. 2

EXPEDIENTE

Os trimestres são pagos adeantados. Consideramos assignantes as pessoas que não devolveram o primeiro numero.

Pedimos aos nossos assignantes do interior e da capital, que ainda não satisfizeram as suas assignaturas, o obzequo de satisfazer-as o mais breve possivel. Toda e qualquer correspondência deve ser dirigida a Rua de S. Bento n° 57.

PESTALOZZI

17 de Maio de 1884.

Um verdadeiro pharol, magesto como a razão, candida virgem de alvios sonhos, o jornalista revestese de uma autoridade suprema e em nome da sciencia e da moral vae calcando as intelligências e deturpando os caracteres. Mas hoje aruina-se e o throno desse despota de tinteiro e penna, cae aos peda-

FOLHETIM

IGNEZ

Ella era pobre, muito pobre. Gostava de trabalhar e trazia sempre o sorriso nos labios e a alegria no coração.

Porisso amei essa criança de 16 annos.

Todas as noites eu ia á sua casa.

Ella costurava até que o somno lhe transparecesse nas palpebras, e sua mãe contava-nos as interessantes façanhas succedidas no tempo em que vivia o saudoso velhinho que dera a existencia a Ignez e que — Deus haja — como dizia ella.

Passaram-se os tempos.

Succederam-se os dias de felicidade.

Eaquella pobre velhinha, e aquella inexperta criança trabalhavam, trabalhavam muito só para viver honestamente.

cos como outr'ora o imperio gigante do macedonio, invencivel.

Oh! mundo! quão ingratas as transformações que se operam em teu seio! O leão de hontem é hoje um animal em putrefação e a vida?... oh! a vida de um seculo não vale a queda de um instante! Chorem.

Mas, leitor, si refutássemos uma theoria do espaço ou da materia, precisaríamos argumentos; provas irrecusaveis; chamar em nosso auxilio os grandes pensadores, porque nós, os mediocres, (cruel verdade!) só assimilamos pensamentos alheios.

Pois bem, batemos uma instituição como a do jornalismo, e não basta gritar a sua inutilidade; é preciso demonstra-la; não bastam risos e graçolas; é preciso logica e muita logica; e nós a possuimos, porque falámos em nome de uma crença; é preciso coragem, e não reeamos os adversarios que estão longe de seus fundadores como zero de noventa e noventa e nove nonilhões.

Uma noite, porém, Ignez chorou.

A caza estava triste como o compassado bater da enxada que cava a sepultura de uma Mãe.

— Aquella creatura tão nossa amiga, que nos contava casos que faziam esquecer horas e horas, já não existia mais.

Porque não deveria eu chorar também?!

Quem é que vive e não chora?!... Quando nos faltam as lagrimas, chora-nos a alma e occulta-se o pranto, porque o mundo faria d'elle um escarneo.

O mundo actual, embebido exclusivamente na investigação da materia, esquece-se dos sentimentos nobres que possui e muitas vezes quer fazer d'elle uma estatua, para depois chamal-o — homem forte, energico!... Deixemo-nos porém de philosophar.

Dpois... todas as tardes iam ao cemiterio.

Ignez levava sempre um rama-

mentemos portanto.

Mas, resignação, srs. jornalistas, que a vida é assim mesmo. Bonaparte, o heroe de mil batalhas, o deus emfim, perante a sciencia não passa de um Luigie Vampa; Voltaire o homem que só prestou serviços negativos, se não tivesse existido, não seria preciso invental-o; Hugo não é o pedestal do seculo, antes sempre foi movido pelo seculo; um brazeiro converte-se em cinzas apenas o vento das revoluções passe-lhe pelo craneo. A vida é assim mesmo! O transformismo é a lei do universo.

A incompetencia do jornalismo, em base scientifica e moralidade provada, foi reconhecida pelo incomparavel reformador, o melhor e maior dos homens, na phrase vigorosa de Robinet: Augusto Comte. Teixeira Mendes, o illustre continuador da obra do grande mestre, exprime-se deste modo na *Patria Brasileira*:

«Que outra cousa é o jornalista

lhete de saudades; ajoelhava-se ao pé do tumulo de sua mãe e resava...

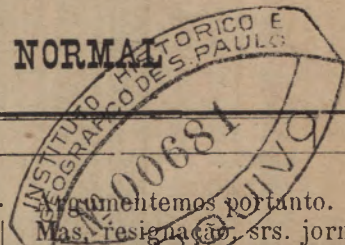
Não ha nada mais mysterioso que um cemiterio; não ha realidade mais acabrunhadora que a morte.

O vento sybilava pelas franças dos cyprestes e produzia um funebre rumor; os tumulos desenrolavam-se pelosolo; a tarde ia morrendo a pouco e pouco: — e eu, o homem que não crê senão nas leis da natureza, que não indaga o que vai além dellas, porque acha inutil, eu contemplava-a sempre e a mim mesmo dizia:

— Como é difficil viver!...

Um dia, porém, não mais quiz ir Ignez ao cemiterio. Não disse nada; esperei e observei.

Notava que já não havia naquella criança a mesma ingenuidade de outr'ora; num olhar que me dispensava sobresaia apenas a gratidão, a amizade. Entretanto eu amava-a como irmã, amava-a como sabe amar o poeta pela primeira vez.



Porteira da Eschola Normal
 a Robe, cat apparece.

que pretende aconselhar o publico ; que julga e decide de tudo e de todos ; que possui um *Indice* sob o pretexto de critico litteraria ; que avalia o alcance dos nossos inventos scientificos e industriaes ; que se erige em director da moralidade publica e censor quotidiano de todos os poderes, inclusivê as academias ; que concede ou recusa aos mortos finalmente o sacramento da incorporação ? (O que é um artigo necrológico senão a sentença posthuma ? Sómente o juiz pôde não ter competência ; mas em todo o caso a pretensão do jornalista é julgar *quem morreu.*) O que é o jornalista senão sacerdote ? E, o que é mais, sacerdote dispensado das provas de capacidade intellectual e moral como jámais o foram os sacerdotes antigos ; sacerdote sem nenhum dos deveres, como abstenção de riquezas que os antigos haviam reconhecido indispensavel ao exercicio do poder espiritual, o ensino systematico commum que os jesuitas se impuzeram ; sacerdotes enfim tendo por unica moralidade obrigatoria a que resulta da observancia das proscricções do codigo criminal.»

Até um soberano da imprensa, um polemista que passou a vida inteira nas batalhas do jornalismo, M de la Palisse, com a imperturbação do homem convicto e o rigor de uma demonstração, apregooou a

sua impotencia radical em materia de opinião publica. Mesmo Zola, o papá dos litteratos modernos, não temeu apostrophar os purissimos e sapientissimos soldados na luta da verdade contra o erro.

Eil-o :

«Ah ! le triste spectacle que nous offre journellement la presse, avec so critique de mensonge et de radicalement im puissance.»

«Comment voulez-vous que le public vous écoute et vous respecte, s'il est obligé de casser ainsi chacun de vos jugements ? Et vous vous dimentez les uns les autres, et vous n'avez personnellement aucune base, aucune méthode solide, et vous cédez à toutes les influences individuelles, mondaines, politiques !»

A critica do jornalismo nunca teve valor para os homens serios e nem pode desviar os tratantes da recta que levavam. Porque ? Porque a critica é impotente todas as vezes que os seus moveis são a hypocrisia ou a ignorancia ; e o jornalista para contactar os phenomenos com um rigor scientifico, dando assim á critica o character da permanencia, precisaria ser encyclopedico, e hoje um homem deste é scientificamente impossivel.

Na litteratura se verifica claramente a fraqueza dessa critica. Ella nunca fez de um mediocre um genio

e de um genio um mediocre. Os jornaes fizeram guerra a Balzac, Molière, a Hugo e elogiaram sempre os escriptores superficiaes, vadios, os bohemios.

Quem é Hugo ? Balzac é burro ? Molière um simples comediante ? Em que mundo, em que estrella se escondem as mediocridades litterarias, os poetas que só sabem «penteiar a phrase cabelluda» ?

E ainda temem ou apreciam essa critica sem valor, fraquinha como os vagidos de uma criança !

Na politica a immoralidade do jornalista já foi elevada á cathegoria de lei. Elle recommenda aos correligionarios politicos e aos que o não são, como o unico capaz de representar o paiz, embora seja o egoismo estatelado ou a ignorancia só realçada pelos brilhos do dinheiro, o homem com quem janta, dorme e a custa de quem vive ; defende os seus erros politicos e busca fazer com que o povo consagre uma especie de veneração ao esbanjador de sua felicidade.

A gente que só vê a vida pela superficie diz cathegoricamente que o jornal é uma necessidade, porque é um poderoso meio de civilisação e a tribuna donde o povo offendido clama em prol de seus direitos. Vejamos. Todos os dias os nossos jornaes deitam opinião sobre governo e discutem si a obra de tal physico é melhor que a de tal outro, etc. Ide pelas ruas da cidade, entreae em todas as casas e vinde dizer-nos sem mentira si a maioria da população tem idéa clara sobre governo, e que homem já aprendeu sciencia com o auxilio desse livro de duas paginas, cada uma quatro palmos e um pedaço.

A secção livre—uma das divisões do jornal—dizem ser a tribuna do povo. E' a tribuna da calunnia, da intriga e das cousas immundas.

E impingem-nos que o jornal (da actualidade) é uma necessidade social !

O homem, contemporaneo do urso das cavernas, sem principios nem linguagem, pouco e pouco foi desenvolvendo a intelligencia, submettendo-a ao coração, e cada vez mais tende á moralidade, completa, positiva, real. Pois bem, quando o homem fôr todo moral, essas instituições anarchicas e desmoralisadas, prejudiciaes, inuteis, hão fatalmente

Observei.

O que se passava em Ignez bem o sabia eu.

—Era a hallucinação produzida pelas grandezas ephemerias e agravada pela situação em que estava ella.

Muitissimas vezes lembrei-lhe os conselhos de sua mãe ; acompanhei-a muitas vezes ao theatro, aos bailes ; incansavelmente eu a seguia com o olhar ; acordei-lhe a previsão da desgraça ;— porque amava-a como irmã, amava-a como sabe amar o poeta pela primeira vez.

Tudo isso, porem, foi inutil, chimerico : a mulher, aos 16 annos, não gosta de raciocinar. Mais tarde a razão desenvolve-se, fortifica-se, e então a educação, a amizade, o dever, a honra, não deixam que ella precipite-se.

Passaram-se mezes e mezes, e eu já não ia todas as tardes á casa de Ignez, porque ella despresava-me in-

sensivelmente e eu devia esmagar a minha intensa paixão a pouco e pouco.

Uma tarde entrei naquella modesta casinha que já me havia dado tantos dias de ventura.

Na sala de jantar, era um banquete.

A embriaguez, o enthusiasmo e a blasphemia trasbordavam de todos os labios.

Calei-me e observei.

Hoje coitadinha ! Ignez é a heroína das orgias !...

Nem lembra-se de mim, nem lembra-se da sua pobre mãe. E quando vejo-a passar como uma louquinha pelas ruas da cidade, observo ainda e involuntariamente exclamo :

Oh descuidosas violetas ! quando quizerdes amar, lembrai-vos de que a felicidade só pôde existir na familia.

desapparecer. Eis porque sustentamos que na verdadeira positividade não havemos terjornalismo, mas jornal, isto é, um papel que publique annuncios e d'noticias sem commentarios. Entretanto zombaram e revelaram acreditar na vida eterna do jornalismo como a tia Joanna, a cosinheira, na resurreição da carne! Estará o jornalismo definitivamente constituido? Como pode subtrahir-se á lei fatal da evolução?

Mas, se o jornalismo é inutil, demoralizado e os jornalistas parasitas, *Pestalozzi* é incoherente apparecendo na luta e seus redactores (que desgraça!) transformaram-se em parasitas.

Não somos jornalistas;

a) porque não queremos *dirigir a opinião*;

b) si tivéssemos essa preteação, os entendidos dir-nos-hão: Estão verdes;

c) não fazemos profissão disso.

Pestalozzi não é um jornal anarchico.

a) não pretende commentar as noticias;

b) dar opinião sobre uma obra de physica, ignorando completamente essa sciencia;

c) defender partidos politicos e analysar factos de sociologia, ignorando os principios mais rudimentaes de mechanica;

d) fazer necrologia com a mesma facilidade com que se fabrica pastel;

e) etc., etc., etc.

O programma de *Pestalozzi* é repetir e repetir summariamente os pedagogos illustres, publicar algumas poesias, folhetim e cousas que não prejudicam a ordem e o progresso da sociedade.

Não pretendiamos mais falar do jornalismo; porém a critica apalhada de nossos diarios e a ignorancia de certos homens obrigaram-nos bem contra a vontade atear os murrões e deitar fogo nos paladinos da imprensa. Além disso nos chamaram incoherentes e não faltou quem dissesse: Oh! chusma de tolices no *Pestalozzi*, n. 1!

«Vinde e achareis.»

Louco é na sociedade o homem de character superior ás baixeiras do seu tempo.

Christo, prégando fraternidade e abnegação em um tempo de egoismo e corrupção, é alcunhado louco; Tiradentes, prégando liberdade entre homens servís, é louco. Deduz-se daqui que o epitheto de louco ourtogado á alguém, é um qualificativo lisongeiro, porque louco é aquelle que tem o espirito superior ás miserias do seu tempo. Temos observado, desde os tempos mais remotos, que os Catões são sempre mal vistos pela sociedade; assim é que Christo era apupado quando censurava a libertinagem do seu tempo; Tiradentes, escarnecido e manietado, era um heróe querendo quebrar os grilhões com que um jugo iniquo opprimia a nossa patria.

Assim pois, no tempo em que o jornalismo é um balcão, um bajulador dos titulares, um advogado acerrimo da politica a que pertencem os parasitas (que o são os jornalistas), prompto a condemnar tudo que não seja adepto da sua politica, adornando com flôres rhetoricas um feito insignificante de um seu correligionario, tratando mui superficialmente as accões boas dos adversarios; emfim, hoje que a imprensa é o tugurio onde refugiaram-se a injustiça, a calumnia e as baixas paixoes, hoje que a imprensa é uma hydra que enrosca-se ao tronco do povo, hoje pregar contra a imprensa é merecer os appupos da população cega e mesmo dos phariseus. E o *Pestalozzi*, insensato que clamou contra os *parasytas*!

Mas que é *parasyta*?

Uma planta que agarra-se a outra e vive da sua seiva.

O que são os jornalistas?

O conservador é o *parasyta* arrastado na queda da arvore do ministerio, é o *parasyta* que já deu flôr: o liberal é aquelle que ostenta hoje as flores ao sol do paiz, agarrado á arvore vacillante; o republicano emfim é como a trepadeira, fazendo-se macia, vergando-se, arrastando-se pelo sólo, para mais tarde enrosca-se ao tronco dessa arvore, ostentar na sua côma as flôres encarnadas tornar-se-ia então *parasyta*, porque todos sugam do paiz a sua seiva.

Um é o *parasyta* secco, o outro que tem as flôres abertas, emfim o terceiro em botão.

Porque é que essa cohorte de jornalistas, não sacrificam as suas paixões politicas ao interesse commun?

Perque o jornalista, traidor, que

se diz advogado do povo, não trata só do bem-estar deste?

Porque um novo jornal é sempre desapiedadamente criticado por elles?

Porque em cada um vê um cão que lhe vem disputar o osso?

Porque o *Pestalozzi*, que não vinha reclamar uma metamorphose no lême que nos dirige por entre os escolhos da politica, que não vinha discutir o estado, aliás deploravel do paiz, que não vinha vomitar improperios contra todos que não se guissem as idéas politicas dos seus redactores, mas só vinha advogar os interesses da instrucção publica, porque razão mereceu o *Pestalozzi* fogo tão mortifero e critica tão cruel dos jornaes veteranos?

Seria acaso porque em futuros pedagogos viram homens que instruiriam o povo, que afinal reconheceria o que é o jornalismo e os jornalistas?

Si bem que não respondamos mais ás criticas, poderiamos citar o nome do grande homem que condemnou o jornalismo, porém contentamo-nos com dizer que é aquelle que disse: protegei o fraco, arrostando a ira do forte.

Ora, destas palavras tiramos uma deducção: fraco, no nosso paiz são os opprimidos, Ethiopes, fortes, são os homens sem almas, que poderiamos represental-os sobre um throno de ossos, com vestes salpicadas de sangue e tendo por sceptro o açoite.

O jornal pois que arrosta com a ira dessas feras humanas, protegendo os miseros sem patria, sem familia, sem Deus, é um jornal que está longe de parecer-se com o inutil, anarchico e demoralizado; o jornalista que o redige, longe de parecer-se com os *parasytas*, é um sacerdote sublime da liberdade.

Saudamos pois os jornaes abolicionistas, mas não aquelles que se dizem taes no cabeçario, tendo annuncios de escravos fugidos na ultima pagina.

Aos collegas que se nos tornaram adversos, sentimos não podermos responder, porque não o podemos fazer no seu estylo.

Cremos ter explicado com a devida clareza a razão porque o jornalismo *actual* é o que dissemos, assim como o jornalista.

Si pelo contrario *nihil utile est quod facimos*, lamentamos a nossa inexperiencia e continuaremos imperturbaveis, advogando a causa

1890058
ARQUIVO

dos oprimidos e os interesses da instrução.

O titulo veneravel que escolhemos para o nosso organ obsta que curvemo-nos para responder *certas* criticas.

JOCELYN.

NOTICIARIO

JORNAES

Recebemos e agradecemos :

- O Rio Branco*, de Pirassununga;
- A Imprensa do Descalvado*;
- A Primavera*, de Mogy das Cruzes;
- A Officina*, de Pindamonhangaba;
- A Luz*, da Penha do Rio do Peixe;
- O Brado da Lavoura*, de Mogy-mirim.

AVE MARIA

Descria de tudo quando no templo entrei ;
Meiga voz pelas abobadas se repercutia,
Fraco, tremi por terror ignoto e extrauho,
Ao ver um anjo cantando a Ave Maria !

Então magna e estupenda conversão em mim se operou
Aquelle que de Deus duvidava e do clero se ria
Genuflexo e deslumbrado, adorou a Virgem formosa
Que com celeste e sonôra voz cantava Ave Maria.

JOCELYN.

SYMPHONIAS

VOZES DISPERSAS

A LIBERATO D'ALENCAR

Tresviaram-se as idéas ? O pensamento em luta
Esbate-se de encontro ao tronco da Rasão !...
O seculo pede luz, no entanto um **ponto negro**
Impede que essa luz invada a immensidão !...

O seculo quer reformas, idéas que caminhem,
Que abram ao progresso as portas do porvir...
Não quer velhas rotinas, estacionarias crenças
Que roubam á Humanidade o verbo progredir...

.....

O mundo está cançado ! No declinar dos annos
Suas forças se myrrharam após longa jornada !
Vacilla a Natureza ! A mestra do presente
Já não nos impõem culto a celestial morada !

Ao Vicio ergueu-se um templo ! O crime passa impune
Fitando a immensidão do espaço que rodeia !...
Emquanto que a Virtude, essa emanção divina,
Jaz encerrada em perennal cadeia ! !...
S. Paulo, Abril de 1884.

SEBASTIÃO DIAS.

A ESTRANGEIRA

A CARLOS ESCOBAR

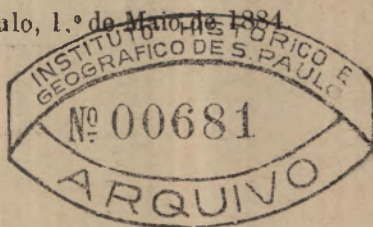
Era uma grega eximia na estrutura ;
Tinha o lavôr das filhas da Bretanha ;
Fria, correcta, calma, da Allemanha
Immersa em sonho a grande formosura.

Vi-a, por vezes, óra quando banha
O vermelho listrão do sol na altura
Do poente, o escampo ; óra á frescura
De uma claveira ; ou num salão d'Hespanha.

Si ella cantava as notas desprendidas
Iam brilhando, alegres, coloridas...
Como de um lustre as ondas luminosas.

Nunca sorriu ! e quando ella sorrisse
Seria o insenso móрно de Clarisse
Vertendo as fibres podres, venenosas !...

S. Paulo, 1.º de Maio de 1884



E. PERNETTA.